

UM SOLDADO DE SUAS CRENÇAS

Entre divergências na própria família, comemora-se o centenário de nascimento de Luís Carlos Prestes. Mesmo que ele não houvesse deixado filhos de duas uniões sucessivas, não haveria que estranhar o desentendimento. É natural o conflito na recordação da existência de quem viveu, longamente, combatendo e combatido. Tendo atravessado os tempos, até além dos 90 anos, na luta armada, no exílio, na clandestinidade por motivos políticos, ou no embate a descoberto e sem concessões, não pode ser lembrado em clima de unanimidade consagradora. A rememoração de seu pensamento e de sua militância, para ser legítima, há de revestir-se de polêmica. Louvá-lo sem restrições, condená-lo sem defesa veemente, é descaracterizá-lo. Os líderes autênticos devem ser lembrados como viveram: nos seus erros e acertos.

Na dureza de suas convicções é que Prestes se tornou um líder, como na habilidade militar criara a mística do “cavaleiro da esperança”. Não importa que se o acuse de intransigência, de decisões irreversíveis. Tal julgamento, provavelmente, será procedente para o historiador. Há um tipo de lutador, porém, como Prestes, para quem o que vale é a fidelidade a seus dogmas. Foi assim que procedeu, desde que adotou o materialismo histórico ou se tornou comunista. Revelam essa certeza as cartas entre ele e Juarez Távora, incluídas nas memórias em que este descreve a separação do comandante da “Coluna”,



que ingressava na luta revolucionária de base filosófica, nos termos do “manifesto” lançado. Podendo ter sido o verdadeiro chefe da Revolução de 1930, e talvez mudado o destino dela, preferiu as incertezas do novo caminho, na busca de outra ordem social e econômica, em benefício do proletariado.

Não aspirava ao poder pelo poder, mas na expectativa da execução de seus ideais. Era revolucionário por vocação e ideologia, não por fatores circunstanciais. Por isso mesmo, há de ter errado, de boa-fé, em mais de um momento ou de uma deliberação. Não o fez enganando seus companheiros, antes no pressuposto de realizar um pro-

grama de mudanças profundas. A linha inflexível, a que se ajustava, havia de conduzi-lo a equívocos, o menor dos quais não terá sido o de prestigiar o ditador, em 1945, estimulando o “queremismo”. Permitiu que a rigidez de uma diretriz política lhe toldasse a limpidez do procedimento coerente. Por mais que não se aceite sua presença ao lado de seu carcereiro maior, cumpre reconhecer que não o fez por interesse pessoal. Era um soldado de suas crenças e de seus desígnios.

Assumia a responsabilidade dos atos que ordenasse, ou inspirasse. Não a transferia a outros, sobretudo na derrota. Ainda agora, no correto artigo sobre “o velho herói

abandonado”, Moacir Werneck de Castro, que integrou o PC, realça que assim ele procedeu em 1935. “Como Tiradentes, não hesitou em chamar a si toda a culpa pelo fracasso.” Nessa atitude de dignidade reside um dos traços marcantes do homem de caráter e do líder autêntico. No perigo e na derrota, não alienava o dever do comandante idôneo. Destinado à resistência e ao sofrimento, carregou com exemplar estoicismo o peso de suas decisões, com o reconhecimento e o amparo de brasileiros livres, como Oscar Niemeyer.

Não tive oportunidade de contato pessoal com Prestes. Sempre lhe observei, porém, os passos, o destemor com que serviu à causa de suas convicções: a libertação do homem da exploração econômica. Não é preciso ter sido seu correligionário, como não fui, para prestar testemunho de apreço a seu sentimento de justiça social. No país que tanto esquece seus servidores da vida pública, de todos os matizes ideológicos, o centenário de um líder da importância de Prestes deve ser justamente assinalado para conhecimento e educação das gerações atuais. Não é dado formar o espírito do povo com prevenções, mas com o devido respeito às individualidades expressivas, mesmo portadoras de outras idéias. A história não é abrigo de facções, antes a casa comum da verdade, diversificada e livre.